DIÁRIO DE BOLSO: INVENTÁRIO CROMÁTICO DE PAISAGENS

MARIANA LOPES DA SILVEIRA [1]; EDUARDA GONÇALVES[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas– lopesquisa1@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – dudaeduardaufpel@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata sobre um artefato da minha produção artística que consiste em um diário de bordo, denominado, Diário de Bolso: Inventário Cromático de Paisagens, que contém colagens confeccionadas a partir de rasgos de áreas de cor (fig. 1) de diferentes revistas, que são oriundas de percepções cromáticas de territórios e paisagens que observo durante meus deslocamento pelas cidades no sul do Brasil . Estas colagens são desenvolvidas com base em situações experienciadas por mim, em que a cor, é o elemento principal, ativo e armazenado em minha memória visual.

Este trabalho é resultado da orientação da Prof. Dra. Eduarda Gonçalves e está vinculada ao desenvolvimento de pesquisa em poéticas visuais do projeto de pesquisa Territórios, deslocamentos, cartogravistas e cartografias na Arte contemporânea a partir do sul do Brasil e Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas - DESLOCC (CNPq/UFPel).

Para o desdobramento do trabalho, assim como a dimensão teórica da investigação utilizo alguns preceitos encontrados na tese de doutorado de Silvana Iizuka, intitulada, Cor do lugar: Identidade e Memória, nela a pesquisadora revela que a percepção da cor e seus significados se revelam naturalmente desde nossos primeiros anos de vida e que essa característica pode ser aprimorada com a maturidade dos sentidos e também dos saberes.

(Fig. 1) Mariana Silveira, Caminho para Tramandaí

2. METODOLOGIA

Como metodologia deste trabalho, partimos da pesquisa em poéticas visuais, que visa desenvolver o estudo e a reflexão da obra em formação ou processo de criação do modo de produção, com base nas relações entre procedimentos e linguagens, buscando contribuir para a prática, análise e produção de conhecimento. Segundo Peled (2012, p. 116), a linha de pesquisa em poéticas visuais nos programas de pós-graduação em artes visuais acolhe o estudo sobre os modos de fazer e articulação teórica dos artistas. Ou seja:

> Essa linha objetiva desenvolver a investigação e a reflexão do modo de produção a partir das relações entre procedimentos e linguagens, buscando contribuir efetivamente para a prática, análise e construção do conhecimento do fazer artístico e de suas manifestações contemporâneas.

Sendo assim, o estudo apresentado revela a maneira pela qual me coloco em processo de feitura do caderno, tendo em vistas os movimentos que me afetam e me concebem os materiais para produzir as colagens.

O caderno apresenta colagens que foram realizadas a partir da observação sensível, mais envolvida com os aspectos cromáticos de locais que percorri entre os meses de janeiro e fevereiro de 2024, em deslocamentos pelas as cidades de Pelotas, Osório e Canguçu.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No caderno me refiro a três cidades que percorri entre os meses de janeiro e fevereiro de 2024, sendo elas Pelotas, Osório e Canguçu. A primeira colagem que fiz foi sobre Pelotas, cidade em que transito quase diariamente.

No dia em aprisionei as cores do Canal São Gonçalo, lembro-me de sentar depois do almoço, em um andar, no dos mais altos do Campus Anglo, o sol era fatigante mas a vista e a brisa daquele lugar compensavam qualquer situação. Recolho-me na sombra. Entre a sensação de sonolência, a paisagem do canal mantinha meus olhos abertos, cativos pela legítima dança da natureza. A água caudalosa, brilhando com o sol quente, a vegetação da margem sacudindo com o vento, o céu azul, límpido, e uma e outra ave que sobrevoaram o lugar.

Em Osório, dois lugares fascinaram meu olhar. Na primeira noite em que fiquei na cidade, fui convidada para conhecer o terraço do prédio em que estava, era mês de fevereiro, a noite chegou cobrindo o céu púrpura e o vento do lugar era indescritível, o breu da noite, era cortado pelas luzes da cidade, e lá no topo, no Morro da Borussia, as luzes das antenas se transformam em pequenas estrelas no céu escuro. No outro dia, enquanto partíamos para passar o dia na praia de Tramandaí, sentada no lado direito do carro, deslumbrei-me com o Parque eólico da cidade, com o giro das hélices que cortavam o céu. Tornei-me uma micro criatura. A grama verde contrastava com o céu azul e as hastes dos gigantes brancos taparam qualquer horizonte.

A última cidade a que refiro-me, em forma de colagem, é Canguçu, terra de muitos relevos. Exatamente na sua aŕea rural, na localidade do Passo do Saraiva,

onde passei minha infância e juventude. Naquele dia, deslocava-me até minha casa, quando a tarde caia e aquela montanha que todos nós da localidade denominamos serro, exauria a luz do dia.

Penso que há muito, essas colagens estão sendo desenvolvidas. Silvana Dudonis Vitorelo Iizuka (2014, p.18), em sua tese intitulada Cor do Lugar: Identidade e Memória, expressa que a percepção de um momento ou de algo, se não for uma característica inata do indivíduo, é possível através de um treinamento do olhar.

Sempre considerei-me uma pessoa atenta, atraída pelos espaços que me cercam, para o desenvolvimento destas colagens, desfiro um olhar sensível pelas diferentes paisagens que percorro. Para Iizuka (2014, p.17) “Meu interesse pela Cor adquiriu uma postura investigatória - voltada a colocar a cor como importante elemento de percepção, a ser observada como componente da qualidade dos espaços [...].

Transcrevo um trecho do poema Anoitecer, escrito por Raimundo Correia, publicado em 1883 no Livro Sinfonias, poema este que considero ter aprimorado o meu modo de perceber o mundo e as paisagens que me cercam.

A Adelino Fontoura

Esbraseia o Ocidente na agonia
O sol... Aves em bandos destacados,
Por céus de oiro e de púrpura raiados
Fogem... Fecha-se a pálpebra do dia...

Delineiam-se, além, da serrania
Os vértices de chama aureolados,
E em tudo, em torno, esbatem derramados
Uns tons suaves de melancolia...

Um mundo de vapores no ar flutua...
Como uma informe nódoa, avulta e cresce
A sombra à proporção que a luz recua...

A natureza apática esmaece...
Pouco a pouco, entre as árvores, a lua
Surge trêmula, trêmula... Anoitece.

4. CONCLUSÕES

A produção do Diário de Bolso: inventário cromático de paisagens, continua em desenvolvimento. As páginas em branco, viabilizam o acréscimo de novas colagens, existindo a possibilidade da criação de outros diários, que darão seguimento a este. Além disso, as colagens já desenvolvidas, inseridas no meu processo criativo, servem de respaldo para minha produção em pintura. Através dessas colagens, que uso como modelo na pintura, experiencio o estudo, a construção e o comportamento da cor.

Percebo que, transpor meu trabalho prático para a escrita é fundamental para o estudo e reflexão da minha própria obra, através da pesquisa poética enriqueço minha prática artística.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREIA, R. **Symphonias.** Rio de Janeiro: Typographia de Faro e Lino, 1883.

PELED, Y. Metodologias em Poéticas Visuais. **Porto Arte**, Porto Alegre, v. 19, n.33, p. 115-132, 2012.

IIZUKA, S.D.V. **Cor do lugar: identidade e memória**. 2014. 185f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.